

A REVOLUÇÃO DO SÉCULO XX

Raphael Amaral

“Vamos, vamos, camarada. Você e seu pessoal são uns teimosos e incorrigíveis sonhadores. Veja, da forma como as coisas estão agora, qual é a diferença entre nós? Uma pequena questão de metodologia, absolutamente secundária. Vocês, como nós, são revolucionários. Como vocês, nós, em última instância, somos anarquistas. A única coisa é que vocês querem introduzir seu anarquismo diretamente, sem uma transição ou preparação. Enquanto nós, marxistas, acreditamos que não se pode ‘pular’ ao reino libertário com uma simples ordem. Nós antecipamos uma fase transitória ao longo da qual o campo estará aberto e pavimentado para a sociedade anarquista com a ajuda de uma força política anti-burguesa: a ditadura do proletariado exercida pelo partido proletário no poder. Em suma, é apenas uma diferença de ‘estágios’, nada mais. [...] Pense nisto: teremos um inimigo em comum para combater. Irá sequer ocorrer a nós combatermos uns aos outros? E, de qualquer forma, não tenho dúvidas que vocês serão rapidamente persuadidos sobre a necessidade de uma ditadura proletária socialista provisória. Então, realmente não consigo ver qualquer razão para uma guerra entre nós. Nós marcharemos certamente de mãos dadas. E então, mesmo que não nos olhemos nos olhos, você está exagerando um pouco as coisas ao sugerir que nós socialistas usaremos a força bruta contra os anarquistas! A própria vida e as opiniões das massas serão suficientes para resolver o assunto e fazer com que entremos em acordo. Não! Você pode realmente, por um único instante, perceber o quão sem sentido é isso: socialistas de esquerda no poder voltando suas armas sobre os anarquistas! Vamos, vamos, qual o juízo que você faz de nós? Em todo caso, nós somos socialistas, camarada Volin! Sendo assim, não somos seus inimigos”.

Foi dessa forma que Trotsky respondeu a Volin, em abril de 1917, num encontro na cidade de Nova York, quando o anarquista relatou ao chefe do Exército Vermelho sua preocupação sobre o fato de que quando os bolcheviques tomassem o poder na Rússia iriam caçar os anarquistas “feito perdizes”. Volin, antes mesmo dos acontecimentos de 1917, já era um elemento central na revolução, atuando intensamente na formação dos soviets durante os eventos de 1905 na Rússia.

Pouco mais de dois anos depois da conversa com Trotsky, em novembro de 1919, Volin e outros makhnovistas foram presos pelos militares bolcheviques. Notificaram Trotsky sobre sua prisão, perguntando o que deveriam fazer com o

anarquista. Por telegrama, a resposta veio rápida e direta como uma bala: “Execute-o. – Trotsky”...

Mas Volin não foi executado. Sobreviveu para relatar o episódio e continuar batalhando contra a transformação de uma revolução popular em uma ditadura totalitária.

Tal foi o percurso da Revolução Russa (1917-1921): de uma revolução social sem precedentes (era a primeira vez em que um país de proporções continentais instaurava o socialismo), o desenrolar dos fatos fez com que se consolidasse uma ditadura do partido bolchevique (este afirmando que atuava em nome do povo, mesmo que o fuzilasse corriqueiramente).

E ainda assim, a Revolução Russa foi a revolução mais importante do século XX. Tal afirmação é em si violentamente polêmica. Por exemplo, se essa tese for observada por um prisma exclusivamente anarquista, pode-se argumentar que mais decisiva que os eventos na Rússia foi a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

De fato, ao longo de toda história do anarquismo, nunca até então e, infelizmente, nunca desde então, ele foi tão forte quanto na chamada “Espanha Libertária”. Portanto, para os libertários, a Revolução Espanhola é a mais importante não apenas do século XX, mas da história de todo o seu movimento até hoje.

Porém, quando observamos a Revolução Russa, ocorrendo no início de um dos séculos mais turbulentos da humanidade, logo é constatado que sua importância não se dá apenas sobre algumas correntes políticas, mas sim sobre toda a humanidade. Depois dela, tudo se alterou. O século XX é carregado de movimentações políticas, econômicas e culturais sem precedentes. Em comum, esses acontecimentos têm não apenas o fato de abalarem o planeta em um espaço de tempo tão curto, mas também o fato de que possuem relação direta ou indireta com a Revolução Russa. A Guerra Civil Espanhola, as duas Guerras Mundiais, a Guerra Fria, as revoluções na Ásia e na África, a reconfiguração do capitalismo com o Estado de Bem-Estar Social, a escalada das esquerdas latino-americanas, as reviravoltas político-culturais da década de 60, o neoliberalismo, enfim, tudo isso possui uma carga maior ou menor de influência do que aconteceria na Rússia a partir de 1917.

O PROCESSO DA REVOLUÇÃO RUSSA

A desintegração do exército czarista na Primeira Guerra Mundial deveu-se à insistência do primeiro ministro Kerenski, escolhido pelo sucessor de Nicolau II, príncipe Lvov, em continuar uma guerra contra a Alemanha na qual o soldado russo não via sentido algum.

A miséria no campo e a fome levaram esse soldado, filho de camponês ou camponês a lutar pela paz e pela terra. Soldados se amotinando contra oficiais, marinheiros contra seus comandantes, operários contra patrões – esse era o quadro que a Rússia apresentava no período iniciado com a abdicação dos Romanov e terminando com a tomada do poder pelo partido de Lenin.

Chamou-se de kerenschina as dez semanas durante as quais o general Kornilov tenta consumir um golpe de Estado contra Kerenski, fracassado graças à união das esquerdas e dos liberais.

Por outro lado, a intransigência do patronato e a desmoralização do Governo Provisório haviam reforçado aqueles que não confiavam na Revolução de Fevereiro, que levava os liberais ao poder.

Contra estes, pregavam “Todo poder aos soviets” como solução para os problemas externos (paz e guerra) e internos (problema agrário, controle operário da produção), procurando dar um conteúdo socialista à revolução.

O Palácio de Inverno caiu na noite de 25 de outubro de 1917 [do calendário juliano], nas mãos do Partido Bolchevique sob direção de Lenin.

Agora era preciso enfrentar, no plano interno, o problema da organização do trabalho nas fábricas e nos campos, além da sabotagem dos antigos técnicos que serviam ao antigo regime, e, no plano externo, a invasão da Rússia por tropas alemãs e tchecas e os movimentos de contra-revolução, dirigidos por generais, que visavam restabelecer o czarismo. Denikin, Wrangel, Petliura eram sinônimos de restauração monárquica e capitalista. E as relações dos soviets com o Partido Bolchevique e deste com o Estado? Enquanto no coração da Rússia, em Moscou e São Petersburgo, esses problemas são urgentes e imediatos, desenvolve-se na Ucrânia uma revolução socialista cujos princípios fundam-se na auto-organização dos camponeses, na autogestão econômica e social e na formação de milícias para enfrentar os generais czaristas que pretendiam na Ucrânia destruir a revolução socialista e restabelecer o antigo regime.

Em 1917 os bolcheviques tomaram o poder, mas no sul da Rússia só triunfaram a 26 de novembro de 1920. É que na Ucrânia ocorrera uma revolução social conhecida como makhnovitchina, liderada por um camponês, Nestor Makhno.

Em março de 1917, em Guliai-Pole, Makhno reuniu os socialistas libertários (anarquistas) que lá deixara quando fora condenado à prisão perpétua pelo czarismo. Fundou a União dos Camponeses de Guliai-Pole, para organizá-los contra o governo Kerenski. Firmou o princípio de que nos meios camponeses não seria admitido nenhum político, pois, segundo ele, todos sempre procuraram impedir que os trabalhadores fizessem a sua revolução.

No Congresso de Alexandrovka, perto de Guliai-Pole, Makhno enuncia que os camponeses não confiariam a obra revolucionária aos Comitês Comuns de Coalizão, manobrados por Kerenski. Foi o primeiro passo para desqualificar as autoridades constituídas e substituir o aparelho estatal pela organização livre dos camponeses.

Nesse congresso, venceu a resolução de que a terra passasse às mãos dos camponeses sem indenização. Em junho de 1917, deu-se a aliança entre os camponeses de Guliai-Pole e os operários de Alexandrovka, através da formação de uma União Profissional.

Os camponeses de Guliai-Pole assumiram o Departamento Agrário e o Departamento de Víveres, substituindo as funções do Comitê Comunal oficial.

As terras dos grandes proprietários e dos pequenos (kulaks) foram recenseadas. Contra essas duas classes, organizaram-se no soviete dos operários e camponeses, na forma de um comitê, os batraki (empregados das fazendas), que podiam agora organizadamente lutar contra os fazendeiros por suas reivindicações. A partir de junho de 1917, sob inspiração desse movimento, os camponeses deixaram de pagar arrendamento de terras aos proprietários. A burguesia de Guliai-Pole fora desarmada. Makhno propôs aos camponeses a repartição das terras das igrejas, mosteiros e dos grandes latifundiários, para cuidarem da sementeira.

O presidente eleito do soviete de operários e camponeses de Guliai-Pole, Leon Schneider, junto ao Comitê Executivo Departamental de Ekaterinoslav, estabelece um plano de trabalho junto com a Federação Anarquista desta cidade industrial. Resulta um acordo com os metalúrgicos locais, no sentido de que enviassem matéria-prima às forjas de Guliai-Pole.

Em dezembro, reúne-se o Congresso Departamental dos sovietes de deputados camponeses em Ekaterinoslav, para o qual a região de Guliai-Pole designou Makhno e

Mironov. Na cidade, o poder estava dividido entre 4 ou 5 forças, entre as quais a de Kerenski e da Rada ucraniana (monarquistas restauradores). Contra as críticas do anarco-sindicalista Grinbaum, que aderira ao bolchevismo, e dos chauvinistas reacionários presentes, levantaram-se a Federação Anarquista de Ekaterinoslav, os marinheiros de Kronstadt lá presentes e os delegados anarquistas de Guliai-Pole. Sob a ameaça de serem atacados, a mando dos bolcheviques, pelo Regimento de Cavaleiros de São Jorge, Makhno, revelando seus objetivos aos soldados e oficiais, conseguiu que eles auxiliassem na luta contra a Rada ucraniana.

O bolchevique Einstém proclama a necessidade de um Estado proletário para a realização do projeto socialista; ouvindo isso, os camponeses passaram a exercitar-se na utilização de armas, convencidos de que os autoritários bolcheviques viriam a tentar impor-lhes sua “autoridade” de armas na mão.

As forças da Rada ucraniana ameaçavam invadir toda a região e já lutavam contra os bolcheviques nas cidades. Cossacos vindos da frente alemã dispuseram-se a unir-se ao general Kaledin, chefe da contra-revolução. A 3 de janeiro de 1918 o comandante da Guarda Vermelha bolchevique, Bogdanov, dirige um apelo aos operários e camponeses de Guliai-Pole, pedindo-lhes auxílio. Em resposta, centenas de anarquistas marcham para Alexandrovská, para reforçar a resistência à contra-revolução, comandados por Sava Makhno, irmão de Nestor Makhno. Os bolcheviques, em Alexandrovská, querem impor leis aos operários; a Federação Anarquista desaprova a medida e envia dois delegados à região, Maria Nikoporova e Iacha Nikoporova. Maria é eleita presidente do Comitê Revolucionário, que pede um representante de Guliai-Pole; é enviado Makhno.

Fora constituída uma Comissão do Tribunal Revolucionário dos Guardas Vermelhos de Bogdanov. O comitê enviou dois representantes, Makhno e o bolchevista Mirgorodski. Receberam processos de presos para serem julgados.

Makhno exigiu a presença dos presos – muitos eram generais, coronéis chefes de milícia e soldados da Rada. Eram contra-revolucionários, porém inocentes dos crimes que lhes imputavam, pois não haviam tomado em armas sequer contra os bolcheviques. Makhno pediu exame de cada caso e teve que lutar contra a disposição dos bolcheviques em fuzilar todos indiscriminadamente, mas salvando alguns de quem esperavam serviços futuros. Makhno recriminou esses bolcheviques que se proclamavam defensores da igualdade e da liberdade, mas as trocavam pelo privilégio do poder.

Enquanto isso, os cossacos marchavam em direção de Alexandrovská com a intenção de atravessar o rio Don e unir-se às forças do general Kaledin. Eles atacam, mas são repelidos e resolvem depor as armas. Muitos, porém, foram servir nas fileiras do Exército Vermelho, na região comandada por Antonov-Ovssenko.

O Comitê Revolucionário resolve dar provas de que é revolucionário: intervém na vida local dos trabalhadores, expedindo ordens severas, verbalmente e por escrito. Lançou sobre a cidade o imposto de 18 milhões de rublos. Prendeu membros do Partido Socialista Revolucionário. Falou-se em criar um comissariado da prisão.

Previra Makhno que mais cedo ou mais tarde haveria o rompimento entre os bolcheviques e os socialistas revolucionários de esquerda, com hegemonia para os primeiros. O manobrismo político bolchevique na época era a perfeita ilustração do que Makhno chamara “a cozinha dos comitês centrais”.

Chegando a Guliai-Pole, Makhno é eleito para a presidência do Comitê Revolucionário. Este exige o desarmamento do regimento 48 de Berdiansk, composto de partidários de Kaledin. Com o auxílio da Federação Anarquista de Alexandrovská, o batalhão é desarmado. As armas não são entregues ao general bolchevique Bogdanov, mas remetidas a Guliai-Pole, base inicial do exército dos camponeses livres.

Com aprovação unânime do soviete local, Makhno obtém letras dos diretores do Banco da Rada existente em Guliai-Pole, sacando 250 mil rublos, para armar melhor a população.

Iniciam-se trocas diretas de produtos. As cidades enviariam tecidos e os camponeses de Guliai-Pole enviariam em troca trigo e outros gêneros alimentícios. Em quinze dias firmaram-se contatos com as indústrias têxteis de Prokhorov e Morozov. Estabelecem-se relações com Moscou; o trem volta com tecidos, porém os funcionários o detêm, enviando-o ao centro de abastecimento de Alexandrovská, pois, segundo eles, não havia licença das autoridades soviéticas para tais trocas.

Makhno envia protesto severo à seção de Alexandrovská e convoca uma assembléia de trabalhadores em Guliai-Pole, que exige marcha imediata contra as “inúteis autoridades” de Alexandrovská, reconhecendo o direito de Guliai-Pole aos tecidos apreendidos.

A assembléia mostra a inutilidade dos intermediários e as vantagens da troca direta e também a inutilidade dos burocratas governamentais.

Delegados camponeses vão às cidades para estabelecer trocas, mas são impedidos pelos bolcheviques, sob alegação de que estão sendo criadas organizações estatais para esse fim.

É que o Partido Bolchevique queria não só o monopólio da revolução, mas também do poder em seus vários níveis, para aniquilar uma revolução que seguia uma via autônoma.

Após a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, as autoridades bolcheviques retiraram suas tropas da Ucrânia, deixando-a nas mãos das forças da Rada ucraniana, com seus aliados austríacos e alemães.

Estes ocupam Kiev, capital da Ucrânia, em março de 1918, e grande parte do país à direita do Dnieper. Seiscentos mil homens a serviço da Rada, auxiliados por soldados austríacos e alemães, chegam ao rio Dnieper e tentam atravessá-lo. Batalhões bolcheviques e outros autônomos resistem ao ataque. Makhno lança um apelo a Guliai-Pole para organizar um exército; a cidade envia 1500 homens. O comandante dos Guardas Vermelhos, Bilinkevitch, recebe apelo de Makhno para que forneça armas para resistir à contra-revolução.

Não acreditando no que ouvia a respeito das realizações dos camponeses de Guliai-Pole, para lá se dirigiu e obteve a confirmação do que ouvira.

Seis canhões, 3 mil fuzis, dois vagões de cartuchos e nove vagões de balas para canhões são fornecidos aos camponeses de Guliai-Pole, cuja obra estava sendo ameaçada pela Rada ucraniana, pelos bolcheviques e pelo general Denikin.

Os bolcheviques não lutaram contra Denikin; esperavam que ele vencesse os anarquistas ucranianos para intervirem depois, destruindo-o. Porém, o derrotado fora o exército de Denikin, composto de muitos soldados e bem armado.

Querendo cooptar Makhno, os bolcheviques ofereceram-lhe grandes vantagens para ingressar no Exército Vermelho, organizado por Trotski. Começaram a louvá-lo e adulá-lo pela imprensa. Ele sentiu o perigo. Os bolcheviques não tolerariam a makhnovitchina.

Insistiam em impor na região seus delegados, chefes da Tcheka (polícia política) e todo tipo de funcionários. Repelidos pelos camponeses, os bolcheviques lançaram mão da calúnia como arma política: Makhno tornou-se repentinamente contra-revolucionário, bandido, agente dos kulaks (pequenos proprietários de terra) e inimigo número um da revolução.

Ante isso, foi convocado o III Congresso Regional dos camponeses, soldados e operários a 10 de abril de 1919. O comandante de divisão do Exército Vermelho, Dibenko, declarou fora da lei a realização do Congresso e contra-revolucionários seus participantes.

Após a derrota do general czarista Wrangel, os bolcheviques, rompendo acordo formal com as forças de Makhno que participaram dessa luta, metralham das alturas do istmo de Perekop o exército makhnovista que regressava vitorioso pela estreita faixa entre a montanha e o mar.

KRONSTADT: A REVOLUÇÃO NA REVOLUÇÃO

Kronstadt, considerando que os soviets atuais não exprimiam mais a vontade dos operários e camponeses, reivindicava: imediata eleição com voto secreto, com liberdade de desenvolver campanha eleitoral; liberdade de imprensa e palavra para operários e camponeses, anarquistas e socialistas de esquerda; liberdade de reunião para todos os sindicatos operários e organizações camponesas; liberdade para todos os socialistas prisioneiros políticos, assim como marinheiros e soldados do Exército Vermelho presos durante os movimentos populares; eleição de uma comissão encarregada de examinar os casos dos prisioneiros e dos internados em campos de concentração; supressão de todos os departamentos políticos (em cada unidade fabril, militar e de bairro, o partido possuía um departamento político); nenhum partido deve ter o privilégio da propaganda política e ideológica nem receber nenhuma subvenção governamental; no lugar dos departamentos políticos, formar Comissões de Educação e Cultura financiadas pelo Estado; supressão imediata de todas as barreiras militares; supressão dos destacamentos comunistas de choque em todas as seções militares e da Guarda Comunista nas minas e usinas; se houver necessidade de destacamentos, que sejam nomeados pelos soldados das seções militares; se houver necessidade de guardas, que sejam escolhidos pelos próprios trabalhadores; o camponês deve usufruir sua terra, sem empregar trabalho assalariado.

Os marinheiros de Kronstadt criticavam a formação de uma nova burocracia, a quem chamavam de comissocracia, e também a estatização dos sindicatos. Inúmeros membros do Partido Bolchevique que residiam em Kronstadt pedem publicamente demissão do partido, aceitando a crítica dos marinheiros ao governo soviético.

Kronstadt mesmo se autodenomina a “Terceira Revolução Russa”. Qual a posição das várias facções políticas russas da época a respeito da rebelião?

Anarquistas – Embora houvesse entre os membros do Comitê Revolucionário marinheiros que se definiam como anarquistas, não se verificou intervenção direta dos anarquistas enquanto grupo ou corrente organizada. A imprensa anarquista não se manifesta a respeito da insurreição e Iarchouk, antigo anarco-sindicalista, nada diz a respeito no seu livro sobre a insurreição de 1921.

Em caráter pessoal, anarquistas como Emma Goldman e Alexandre Berkman se propuseram a ser os mediadores entre os marinheiros e os bolcheviques; só a proposta de mediação já mostra a escassa participação anarquista na rebelião.

Quanto aos soviets, na revolução ucraniana Makhno já lutava por soviets livres.

A posição de Kronstadt de confiar aos sindicatos tarefas importantes não é idéia exclusivamente anarquista, pois os socialistas revolucionários de esquerda e os membros da Oposição Operária também a defendiam. Ela traduzia o consenso daqueles que pretendiam salvar a Revolução pela democracia operária, opondo-se à ditadura do partido único.

Mencheviques – Sempre tiveram escassa influência sobre os marinheiros. Embora tivessem número razoável de deputados no soviete de Kronstadt, seu nível de popularidade era baixo, enquanto os anarquistas, com três deputados somente, gozavam de muito maior aceitação entre os marinheiros (em 1917, numerosos anarquistas não distinguiam claramente suas diferenças com o bolchevismo, vendo em Lenin um marxista-bakunista). Embora hostis aos bolcheviques, os mencheviques nunca pregaram a revolução violenta contra o governo. Tentam agir como oposição legal nos soviets e no movimento sindical. Esperavam eles que o término da guerra civil levasse o regime soviético a rumos democráticos.

Socialistas revolucionários de direita – Através de seu líder Viktor Tchernov, apoiava Kronstadt e fazia crítica à ditadura bolchevique, receitando como remédio aos males dos trabalhadores a convocação de uma Assembléia Constituinte. Criticavam acerbamente os bolcheviques de sobreporem os soviets à Constituinte e até mesmo de fechá-la.

Socialistas revolucionários de esquerda – Apoiavam inteiramente as reivindicações de Kronstadt, enunciadas anteriormente. No seu jornal oficial, negavam terminantemente qualquer participação na insurreição.

Lenin – Liga a insurreição de Kronstadt ao elemento camponês, pressionando o governo soviético. Denuncia a presença em Kronstadt de mencheviques, socialistas revolucionários e outros antibolcheviques. Atribui a direção da rebelião a um general czarista, Koslovski. Acusa Kronstadt de receber recursos do capital financeiro internacional, como tentativa de deslocamento do poder em proveito dos empresários urbanos e agrários. A argumentação de Trotski caminha no mesmo sentido que a de Lenin.

Porém, após Trotski ter sido exilado por Stalin, no México escreve seu último livro – foi assassinado no meio de sua redação por um agente da polícia secreta de Stalin –, intitulado Stalin, onde confessa que a repressão bolchevique a Kronstadt fora uma necessidade trágica; o mesmo vale para Makhno e outros revolucionários, que, segundo ele, tinham boas intenções mas agiram erradamente.

No real, o proletariado russo perdera o controle das fábricas, dirigidas por delegados do Estado, a insurreição camponesa autogestionária da Ucrânia, que derrotara os generais Denikin e Wrangel, foi contida pelo Exército Vermelho, e a insurreição de Kronstadt, que definia um programa de objetivos socialistas e libertários, foi selvagemmente reprimida pelo bolchevismo. A repressão fora dirigida pelo general Tukatchevski, posteriormente fuzilado como “traidor” da Revolução por Stalin, nos célebres processos de Moscou (1936-38). Diga-se de passagem, nesses processos Stalin fuzilara todo o Comitê Central de Lenin.

CONCLUSÃO

Na medida em que esses dirigentes do partido e do Estado, embora não disponham individualmente dos meios de produção, pelos órgãos dispõem “coletivamente” dos meios de produção, o poder da burguesia de Estado é o resultado último da Revolução Russa.

É bem verdade que o caminho da Revolução Russa nessa direção não foi linear. Logo após a tomada do poder, o partido introduzira o regime do comunismo de guerra, da militarização do trabalho e da subordinação dos sovietes e sindicatos ao Estado.

No campo das relações agrárias, se desenvolveu a política da formação do pequeno proprietário de terra, para assegurar-se de seu apoio, já que a maioria da população na época era camponesa.

A rebelião de Kronstadt, reivindicando sovietes sem o controle do partido e liberdade ao camponês para produzir sem assalariados e vender seus produtos nos centros urbanos, fora um aviso de crise.

A NEP (Nova Política Econômica) de Lenin foi a resposta: chamara ele o regime de “capitalismo de Estado”, com as empresas e todas as organizações de massa ou profissionais atreladas ao Estado. Porém, a novidade era o incentivo à pequena produção industrial, comercial e agrária. Enquanto isso, o trotskista Preobrajenski defendia a política de industrialização acelerada, combatida por Kamenev e Stalin.

Após a morte de Lenin e a ascensão de Stalin ao poder, este expulsará Trotski da URSS, perseguirá seus adeptos organizados como Oposição de Esquerda, pressionará outros à retratação e porá em prática a tese da industrialização acelerada do trotskista Preobrajenski. O pequeno proprietário de terras, criado pela Reforma Agrária de Lenin, será enquadrado em fazendas estatais.

A URSS conhece uma política de industrialização a todo vapor, com base na organização taylorista do trabalho, o que levou Stalin a definir o bolchevismo como a união do espírito revolucionário russo com o espírito prático norte-americano.

É antiga a confusão existente entre relações sociais de produção e aquilo que é apenas expressão jurídica dessas relações, ou seja, a propriedade privada dos meios de produção. Isso leva a equívocos graves. Leva a achar que o socialismo significaria apenas suprimir a propriedade privada dos meios de produção, através da tomada do poder político do Estado por um partido; essa supressão da propriedade privada é que levaria à sociedade sem classes. E para isso seria suficiente aplicar o taylorismo como forma de organização do trabalho. Sob o capitalismo, o taylorismo serve à classe dominante; sob o Estado socialista, servirá ao socialismo.

Essa concepção esquece que as relações sociais de produção não se limitam à propriedade jurídica dos meios de produção. Além da exploração possibilitada pela propriedade privada ou estatal dos meios de produção, essas relações compreendem também a opressão: o modo como a divisão do trabalho provoca a concorrência entre os trabalhadores, o modo de integrar os trabalhadores no processo de trabalho na empresa, o modo da extorsão do saber, do tempo livre e do poder de decisão do trabalhador.

As relações sociais a serem suprimidas não se restringem à propriedade privada dos meios de produção, como o fizeram os bolcheviques na Revolução Russa.

Tanto na URSS como em outros países do Leste europeu que seguem o mesmo modelo, continuam a existir: a relação empregadoempregador, agora entre o Estado e

seus assalariados, devido ao fato de a propriedade privada dos meios de produção ter passado ao Estado (e não aos trabalhadores autonomamente organizados); uma divisão do trabalho que conserva a hierarquia e as regras do sistema mercantil, favorecendo também a concorrência entre os trabalhadores através da “emulação”; a dominação da autoridade e do saber por uma burocracia, da qual uma tecnocracia é parte integrante; e também a oposição entre o trabalho intelectual e manual, com a supervalorização do primeiro, como se na execução e planejamento do segundo a inteligência inexistisse.

A revolução das relações sociais e das formas (instituições) correspondentes, e das relações de produção em que o empregador é o proprietário individual ou o Estado, pressupõem uma revolução socialista que não é sinônimo de tomada de poder por um partido ou grupo em nome do proletariado, mas do proletariado dirigindo suas lutas (como todos os assalariados não-fabris), através da auto-organização e dos órgãos autônomos horizontais (comitês, comissões) que emergem do processo da ação direta de todos os assalariados.

A Revolução Russa, que se iniciara em 1905 e em fevereiro e outubro de 1917 com a criação de sovietes livres, termina monopolizada pelo Partido Bolchevique, no topo do Estado soviético, ao qual estão atrelados os sindicatos, sovietes e quaisquer organizações de massa.

Surgem duas perguntas: O nível de vida das massas russas de hoje é superior ao de antes da Revolução? As deformações existentes hoje não se devem ao cerco capitalista à Revolução?

Quanto à primeira pergunta, sem dúvida houve sensível elevação no nível médio de vida das massas após a Revolução. Porém, na França, na Dinamarca e na Suécia o nível de vida das massas é superior ao da URSS – nem por isso defenderemos o capitalismo francês, sueco ou dinamarquês.

Quanto às distorções da revolução atribuídas ao “cerco capitalista” em 1918, achamos que as intenções socialistas contidas na Revolução caíram por terra quando os camponeses de Makhno e os marinheiros de Kronstadt foram esmagados pelo Exército Vermelho e muitos membros da Oposição Operária, que surgira no interior do Partido Bolchevique, foram expulsos ou presos. Assim como a repressão de Robespierre contra os enragés (radicais) na Revolução Francesa abriu caminho a Napoleão Bonaparte, a repressão de Lenin e Trotski a Makhno e a Kronstadt, bem como o atrelamento dos sindicatos ao Estado e o controle das fábricas por administradores nomeados pelo mesmo, abriu caminho à ditadura bonapartista de Stalin.

Sob Stalin, a URSS aprofundara o caminho rumo ao capitalismo de Estado: uma burguesia de Estado aliada à tecnocracia fala em nome do proletariado. Em 1945 a URSS avança sobre o Leste europeu e o mesmo sistema de partido e Estado é instituído. No entanto, a realidade mundial em 1945 era muito diferente da realidade do “cerco capitalista” à URSS em 1917.

*** Introdução da obra *Revolução Russa*, de Maurício Tragtenberg, publicado em 2007 pela Faísca Publicações Libertárias.**